

# O TESOURO MONETÁRIO DO LUGAR DO POIO

(PARADELA DE GUIÃES)

Contributo numismático para o estudo da romanização  
da Região do Douro

POR F. RUSSELL CORTEZ,  
BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA.

Em 1930 procedia-se à construção da estrada que, da margem do Douro, estação do Ferrão, pelo vale do Ceira e encostas ao poente da Serra de São-Domingos, depois de passar pela Quinta do Castro, e Gouvinhas, ia finalmente terminar um pouco adiante de Paradela de Guiães, concelho de Sabrosa, mas já hoje ligada a S. Martinho de Anta.

No corte dos terrenos pertencentes ao vale sobranceiro ao eixo da estrada, coincidente com o antigo «*Carreyrão*» entre Paradela de Guiães e Ordonho, quando os trabalhos se aproximavam do ribeiro do Poio, no próprio lugar do Poio, apareceram, nos desmontes, numerosas moedas de prata ( $\pm$  700) dentro de quatro vasos do mesmo metal precioso.

Este achado valioso para a história da região duriense, foi lamentavelmente disperso pelo seu detentor o Sr. Laurindo Pinto dos Santos que levou para o Rio de Janeiro algumas centenas de denários consulares romanos, cunhadas nos séculos III, II e I a. C..

Antes porém de estudarmos pròpriamente este conjunto de moedas e vasos recordemos afirmações nossas proferidas anteriormente (1).

---

(1) RUSSELL CORTEZ, *Arqueologia da Região produtora do vinho do Porto*, pág. 32, Porto, 1948.

Dissemos então: «O primeiro contacto desta região com a cultura clássica deve ter ocorrido através dos negociantes gregos que por aqui mercadejaram ou com quem mantinham contacto os citanienses trasmontanos, através do Rio Douro». Deste comércio são testemunho as moedas gregas encontradas em Bragança — Bractea aurea siracusana dos fins do séc. V a. C. — os didracmas de Thurion, encontrados em Sabrosa <sup>(1)</sup> — das que foram encontradas na Serra do Pilar: uma ateniense (300) a. C. e outra, com a effigie de Alexandre, que deve ter sido cunhada após a morte deste rei. No Monte do Crasto, Gondomar, apareceu uma outra moeda ateniense, do período helenístico.

Pouco sabemos relativamente aos contactos que existiram entre estas populações e os povos difusores da cultura clássica, helenístico-romana, no entanto com o estudo dos conjuntos monetários, muito podemos ampliar o conhecimento que destes tempos temos.

Pensámos que a romanização da úbere região duriense iniciou-se, o que pode parecer paradoxo, com as campanhas conduzidas por Viriato contra os Romanos.

Renegada a paz de 140 a. C., por ignominiosa, recomeça a campanha com a tomada de *Arsa* em 139 por *C. Caepio*, cidade pouco antes abandonada por Viriato. Tentando derrotá-lo, *Caepio* deixa de seguir as suas tropas em retirada, mas vai combater as populações aliadas dos *Lusitani*: os *Vaceus* e os *Calaicos*. Recorda-se este prélio numa menção de *APIANO* <sup>(2)</sup> e que é a primeira referência às populações da margem direita do Douro.

Existia então um profundo problema agrário.

Um curioso texto de *DIODOROS* o refere <sup>(3)</sup>: — «Há um costume peculiar aos Iberos, mais dos Lusitanos e que é quando estes chegam à idade adulta, aqueles que se encontram mais falhos de recursos, e se destacam pelo vigor do seu corpo e denodo, cheios de valor e bem armados, reúnem-se no recôncavo dos montes e ali constituem bandos consideráveis, que recorrem a Ibéria, acumulando riquezas pelo roubo que praticam com a mais completa desenvoltura <sup>(4)</sup>.

(1) RUI SERPA PINTO, *O Tripeiro* n.º 1, pág. 15, Porto, 1930.

(2) *APIANO*, *Iber.*, 70. — é o texto «ὁ δὲ Καίπιον ἐς Οὐδέττωνας καὶ Καλλαικούς τραπέις τὰ ἐκείνων ἐδήλου».

(3) *DIOD.* V. 34.6.

(4) ANTÓNIO GARCIA Y BELLIDO, *Bandas y Guerrillas en las luchas con Roma, Hispania*, XX, Madrid 1945.



Este texto, já aproveitado de POSEIDONIOS, informa-nos que a vida aventurosa destas gentes tinha, como causa próxima, origem na indigência daqueles que, atingindo a maioridade, não possuíam meios de vida. Ao aludir a tal, permite a ilação de que a pobreza seria resultante da vigência duma instituição similar ao morgadio.

Podemos basear tais suposições num fragmento do livro XXXIV das *Histórias* de POLYBIOS <sup>(1)</sup> — conservado através da obra de ATTE-NAIOS <sup>(2)</sup> — que nos afirma: «Falando POLYBIOS da felicidade da Lusitânia... informa no livro XXXIV das *Histórias* que, por causa da boa temperatura do ar, os animais e os homens são ali muito prolíferos...».

Estas notícias de POLYBIOS que jamais esteve na Lusitânia, recolhidas da boca dos generais romanos que com ele privaram em Cadiz, após a queda de Numância (132 a. C.), levam à suposição de existir na faixa Atlântica da Península um excesso demográfico que não poderia obter a completa satisfação das suas reivindicações económicas apesar da apregoada fertilidade do terreno <sup>(3)</sup>.

Os romanos fracassaram quando, para resolver tal estado de coisas, perseguiram estas gentes nos seus povoados alcandorados nas asperezas das montanhas. Fracassaram enquanto consideram o problema como de mera acção de polícia colonial, não entrevendo o seu âmago, o seu carácter estritamente social e económico. POSEIDONIOS informa: «Puderam conter a sua audácia, mas, apesar de todos os esforços, não conseguiram terminar com as suas depredações <sup>(4)</sup>.

ESTRABÃO compilador de POSEIDONIOS igualmente nos informa que as populações montanheiras ao norte do Tejo, denotavam grande pobreza, exploravam um solo sáfaro, careciam do mais necessário, pelo que haviam forçosamente de desejar os bens das outras populações detentoras dum terreno mais fértil <sup>(5)</sup>.

Não é este o momento para alargar considerandos sobre a diferença de fortuna que parece denunciadora de desigualdade económica, existente entre os homens e se este problema será «uma prova das diferenças cul-

<sup>(1)</sup> SCHULTEN, *Fontes Hispaniæ Antiquæ*, II, pág. 134; C. FERNANDEZ-CHICARRO, *Laudes Hispaniæ*, pág. 36.

<sup>(2)</sup> POLYB., XXXIV, 8 in ATHENAIOS, 330, ed. Rud. Schneider, *Griechische Poliorketiker*, II, apud. F. H. A. II, 190.

<sup>(3)</sup> Cfr. STRABO. III, 3, 4 e MELA, III, 47.

<sup>(4)</sup> DIOD. V, 34,7.

<sup>(5)</sup> STRAB III, 3,5.

turais, entre as populações sedentárias da orla marítima e das terras baixas, de economia agrícola e ganadeira de tipo superior, e as populações de pastores semi-nómadas ou transumantes, e de caçadores das regiões montanhosas interiores, mais rudes e primitivas, que não conheciam senão uma agricultura rudimentar e o uso de frutos silvestres» (1).

No entanto, o mal não estava só circunscrito às tribos da montanha, quando estas baixavam, de vez em quando, para despojar as dos plainos das suas colheitas. Agravava-se o mal, uma vez que as populações dos plainos férteis, continuamente sobressaltadas e em guerrilha, abandonavam os seus campos, caíam por seu turno em igual miséria e igualmente sentiam a necessidade de acometerem, de saquearem as tribos vizinhas. É o mesmo ESTRABÃO quem confirma este estado de coisas: «Como estas (as dos plainos) tinham que abandonar os seus trabalhos agrícolas para rechazar os montanheses, foram obrigados a substituir os cuidados dos campos pela freima da milícia, e em consequência, a terra não só deixou de produzir, mesmo os frutos espontâneos, mas povoou-se de ladrões».

Ainda o mesmo geógrafo nos informa que as tribos ricas das planuras do Norte do Tejo «tinham renunciado a viver da terra para subsistirem na roubalheira organizada, mantendo-se em continuadas richas entre umas e outras, ou associando-se para atravessarem o Tejo e pilharem os valores das tribos vizinhas» (2).

APIANO quando narra as negociações de Galba para apaziguar os Lusitanos, recentemente rebelados contra Roma, de que resultaria uma guerra sangrenta, uma luta sem quartel — em que vitoriou Viriato — *guerra de fogo*, como justamente a denomina POLYBIOS, confirma as ilações acima mencionadas.

Ante as perspectivas duma rebelião em massa, o cônsul Galba, pensa atalhar o mal, simulando um pacto, tão engenhoso, como vilmente concebido e executado: oferece aquelas populações esfomeadas, menosprezadas nos seus sentimentos e interesses, o que elas mais ansiavam possuir: paz e terras férteis para agricultarem. Eis como Galba falou aos Lusitanos rebeldes: «A pobreza dos vossos campos e a indigência em que viveis é que vos obriga a fazer tais coisas (roubos). Pois bem,

---

(1) JORGE DIAS, *Os arados Portugueses, e as suas prováveis origens*, pág. 104, Coimbra 1948.

(2) STRAB III, 3,5.

eu darei terras boas àqueles delas necessitadas e as distribuirei para serem colonizadas (1).

Da perfídia de Galba surge Viriato. A guerra civil, 155-136 a. C. cruenta e sem quartel, reacende de novo. Porém, como atrás vimos, no ano 139 a. C. assassinado Viriato, o seu sucessor Tautalos, faz um pacto com Cipião e uma das condições de paz era a concessão, aos Lusitanos, de terra suficiente «para que a necessidade os não obrigasse a roubar» segundo as textuais palavras de APIANO.

Estas considerações que formulei podem justificar o percurso seguido por *Brutus* quando do Tejo e em acção punitiva e de soberania, procurava aproximar-se das margens do Douro, para vadeando-as dominar as belicosas e inquietas tribos, depois denominadas sob o nome genérico de Callaecos.

São ainda palavras de APIANO que testemunham em favor da existência do problema social de carácter agrário, quando refere ter sido fundada por *D. Julius Brutus* uma colónia para aquelas gentes que lutaram sob as ordens de Viriato, não obstante o ressaibo amargo deste nome para os Romanos. Tal atitude deve rastrear-se na imperiosa realidade dos factos e o problema só se resolveria remediadas que fossem as causas.

Situou-os nas margens do Douro e deu-lhes uma cidade a que chamaram *Valentia*, muito presumivelmente nas cercanias da actual Valença do Douro.

Em maior escala, a romanização desta área deve ter-se acentuado após a campanha de pacificação levada a cabo por D. Junio Bruto em 138 a. C. e no decurso da qual procurou aquietar as populações que tinham combatido sob as ordens de Viriato, subministrando-lhe aquilo que elas mais ansiavam possuir: paz e terras para agricultarem. Na resolução deste ingente problema agro-social, não me parece viável pensarmos numa localização do parcelamento de terras e consequente fixação populacional em lugares muito distanciados do alfoz onde se tinha originado a resistência de Viriato. Penso, portanto que a localização de *Valentia* de que nos fala Lívio (2) não se afastaria das margens do Douro, onde, talvez, Valença do Douro nos recorda o facto, área que tem fornecido elementos que denotam uma remota ocupação agrícola.

A intranquilidade destas populações não terminou com a criação

---

(1) APIANO *Iber*, 59.

(2) TITO LÍVIO, *Per*. 55.

desta cidade e colónia de *Valentia* uma vez que o problema agro-social que a gerava só parcialmente tinha merecido solução.

Abre-se agora um longo hiato, nebuloso, largo campo para a suposição e para a generalização até aos tempos em que César foi enviado à Península como *propraetor da Ulterior* (61-60 a. C.) e empreendeu novo prélio contra os Lusitanos da Beira.

Era um dos principais propósitos de César pacificar completamente os confins do N. O. Peninsular para lá do Minho.

Apesar das campanhas de *Brutus*, ainda nos tempos de César, o caminho mais praticável para transpor o Douro era o caminho costeiro, vadeando os rios junto das embocaduras. Esta zona litoral era rica e produtiva e o exército podia sempre contar com o apoio da esquadra, se tal fosse necessário.

Se tais elementos forem considerados concluiremos que a César não agradou resolver o problema da irrequietude das populações serranas. Não procurou a solução lenta e mais económica. Intentou submetê-las rapidamente, pois não era prudente desprezar o valor daquele foco, tão activo e ameaçador, sito na rectaguarda e no flanco das tropas que procuravam submeter os Cantabros e Astures.

Decide-se a atacar os serranos de *Mons Herminius* <sup>(1)</sup> no ano 60 a. C. <sup>(2)</sup>.

Como consabido é, o *Mons Aeminius* corresponde à actual denominação de Serra da Estrela e constitui, o último contraforte do Sistema Central, ou Carpeto-Vetónico; a sua posição dominante sobre as férteis planuras do Douro e do Tejo explica-nos a circunstância, unida ao carácter ravinoso e abrupto da serra, ao digitiforme dos seus últimos contrafortes — Gardunha — Muradal — Lapa — da sua importância como reduto dos aguerridos Lusitanos.

César mal chegado à *Hispania*, à sua *Ulterior* (61 a. C.), logo procurou eliminar as populações donde partiam as incursões de pilhagem que tanto incomodavam os indígenas da Bética. Este general para terminar de vez com tão perniciosa e rapace atitude, dirige-se afoito para os Eminios e exige que as suas populações baixassem para a planura, convencido que, aquelas uma vez nesta, terminariam com as habituais razias.

---

(1) Parece-me justa a correcção proposta por GARCIA Y BELLIDO de *Herminius* para *Aeminius*, nome da cidade e rio existente nestas paragens e referido por PLÍNIO, IV, 113.

(2) DION. CASS. 37, 52, 53; CAESAR 12, ver SCHULTEN: F. H. A. vol. V.

Conforme o futuro Ditador suspeitava, os Lusitanos dos Emínios não acederam à ordem dada e a guerra irrompeu de novo. Ao que parece César submeteu-os momentâneamente (1). As outras populações das imediações tomam-se de pânico ao sentirem a presença de tão grande exército e fogem precipitadamente para a margem direita do Douro, levando consigo as mulheres e crianças, os haveres e os gados. Os fugitivos lançaram os seus rebanhos adiante de forma a engodar os romanos, para estes serem atacados dispersamente. César despreza os gados e ataca os serranos fugitivos, derrotando-os (2).

Segundo PLUTARCO, as forças de César, empenhadas na limpeza e extermínio da guerrilha Lusitana, constituíam trinta coortes, o normal num exército pretoriano, agrupando 15.000 homens e estas tiveram de volver pressurosas, das margens do Douro, quando foi anunciado que os Emínios se tinham revoltado novamente.

Atacados, talvez pela vertente ocidental da serra (?) os revoltosos foram acoçados até ao mar. Chegados ao litoral, refugiaram-se numa ilha:—Baleal, Peniche ou Aveiro(?)—e derrotaram as tropas romanas. César manda vir navios de Cadiz e só assim pode submeter os fugitivos (3).

Eis como DION. CASSIO, com APIANO, nos informam da expedição de César contra os Lusitanos e Calaicos (4):

« Sendo-lhe impossível viver em paz (César) dirigiu-se ao Monte Ermínio e ordenou aos seus habitantes que se trasladassem à planura, sob o pretexto de que assim não poderiam dedicar-se à rapinagem, desde os seus píncaros, contando que estes, na realidade, não acatassem o que se lhes ordenava, buscando com isto um pretexto para os guerrear. E assim sucedeu. Pegaram eles em armas e foram submetidos. E, como alguns dos povos vizinhos, temendo também ser atacados, enviassem as mulheres e as crianças, com as suas coisas de valor, para a outra margem do Douro, ocupou os povoados dos que tinham feito isto e saíu depois em sua perseguição. »

Para entreter as tropas romanas, estas populações, em fuga, dispersaram os seus rebanhos, a fim de que os romanos se dividissem na sua recolha e mais facilmente pudessem ser atacados pela guerrilha. César desprezou os rebanhos, e, perseguindo os indígenas, derrotou-os.

---

(1) DION. CASSIO XXXVII, 52.

(2) PLUTARCO *César*, 12. — DION. CASSIO, 37, 52, 53.

(3) DION. CASSIO, XXXVII, 52 e 53.

(4) DION. CASSIO, 37, 52-53.

Entre as populações que mais resistiram destacam-se os *Medobrigenses* que ocupavam a região da Meda, e teriam a sua principal povoação no extenso Crasto de Ranhados, sendo o seu território confinante com o dos *Colarni* (Arnas, Cernancelhe) e *Lancienses-Transcudani* (Pinhel-Cidadelhe). Populações que novamente foram guerreadas no ano 48 a. C. por Quinto Cassio Longino, general romano que ocupou a sua cidade de *Medobriga*.

Podemos dizer que terminara a guerrilha Lusitana com a derrota dos serranos dos Emínios, quando doze anos depois (48 a. C.). Quinto Cassio Longino, propretor da *Ulterior*, voltou a guerrear as populações beiroas dos *Medobrigenses* (Meda) que após a conquista da sua cidade se refugiaram na serra da Estrela (1).

Pouco mais nos informam as fontes históricas, os textos coevos sobre esta campanha. Nenhuma das outras tribos ou populações, que habitavam na interamnense de entre Douro e Tejo nos são referidas pelos autores clássicos que do prélio trataram.

Vem em auxílio do historiador o numismata interessado com o estudo dos conjuntos monetários adrede escondidos, em ocasião de intranquilidade ou do perigo reflexo das guerras e campanhas.

Não é em vão que aparecem grandes quantidades de uma mesma espécie monetária na *Hispania*. Deve estar relacionado com algum facto político-económico, sem qualquer dúvida (2).

Será útil prestar-se maior atenção aos conjuntos monetários, ao seu estudo monográfico, antes que a codicícia dos seus achadores os dispersem, antes que fiquem sem localização incorporados nas colecções públicas ou particulares, todavia quase sempre inaproveitáveis ou inaproveitados para a investigação da nossa proto-história.

Devem pertencer a esta conturbada época de pânico, para as nossas populações Beiroas, os tesouros monetários que foram encontrados próximo da vetusta Egitânia — denários de *C. Renius*, *L. Thorius Balbus*, *M. Titinius*, *Manius* e *Fonteius* — mostrados em 1946 pelo Padre Jalhay a Mateu y Llopis (3) — de Calde, perto a Viseu, onde foram encontrados 270 denários republicano-romanos, logo vendidos por 300\$, a maior parte dos quais foram depois adquiridos pela Casa da Moeda; outros

(1) *De Bello Alexandrino*, 48, 1, 2.

(2) FELIPE MATEU Y LLOPIS, *Los tesoros monetarios de la época Sertoriana*, Barcelona 1949.

(3) *Hallazgos Monetários*, Ampurias, IX-X, pág. 77, Barcelona 1948.

foram oferecidos ao Dr. Lúcio de Almeida. Os que pude examinar pertenciam a *M. Tullius* (135 a. C.) e a *Cneius Norbanus* (81 a. C.); *C. Memmius*, *C. F. Imperator* (60 a. C.).

Aos 18 de Maio de 1878, num monte entre a Vila da Rua e Caria, acharam-se uma grande quantidade de moedas de prata, 400 aproximadamente, todas romanas, quando se procedia à demolição de um muro.

Estes denários, escondidos na região dos *Colarni*, podiam agrupar-se em 20 tipos diversos (1).

Diz-nos o nosso informador que muitas delas «têm um busto de homem e no reverso, um homem de corpo inteiro, com capacete de plumas, e empunhando uma espada. Está sentado sob um globo, e têm por baixo ROMA N. FABI».

Eram pois denários da família FABIA que pela descrição acima transcrita correspondem à cunhagem de *Numerius Fabius Pictor* encarregado da amoedação no ano 644 (110 a. C.).

Segundo Babelon, I, 484: os denários têm os seguintes elementos descritivos.

II) A cabeça da Deusa Roma, toucada com o capacete alado, atrás X, à frente uma letra. R/ N. FABI. PICTOR *Numerius Fabius Pictor*. O *flamen Quirinalis* Q. Fabius Pictor, com capacete e sentado para a esquerda, segura um barrete de flâmme na mão direita; com a esquerda pega numa lança, apoiada sobre um escudo redondo, no qual se lê QUIRIN (*Quirinalis*), em baixo ROMA.

Outros denários, quatro exemplares, foram considerados como mais notáveis e pertenciam, pelas indicações até nós chegadas, à família CALPURNIA e foram cunhados por *L. Calpurnius Piso Frugi* em 89 a. C..

Julgamos que estes quatro denários correspondem à descrição de Babelon, I, 292, n.º 11. Cabeça laureada de Apolo. R/ L. PISO. FRUG. (*Lucius Piso Frugi*). Um cavaleiro a galope, segurando uma palma.

Cada uma delas tinha uma letra diversa e os numerais XXXVIII e XXXIX, marcas que como sabemos aparecem entre as inumeráveis diferenças monetárias destes denários. Pela legenda pertence ao 1.º grupo.

O triunviro monetário era filho dum personagem de igual nome morto na Hispania em 112 a. C. quando propretor. Grande número de denários do conjunto «tinham de um lado um elefante e por baixo a legenda CAESAR: e no outro, uma espada, um facho e um machado» (sic).

---

(1) PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno*, VIII, pág. 253.

Tais elementos levam-nos a concluir que se tratava de moedas cunhadas sob a vigilância de *C. Julius Caesar*, em 58 a. C. (1).

9) CAESAR. Um Elefante, calca aos pés o Dragão do estandarte dos Germanos.

R/ Os atributos pontificais: barrete de flâmine, machado, hissope e *simpulum*.

Pensa-se que este denário pode ter sido cunhado na Gália após à derrota de Ariovisto, posteriormente portanto à sua dignidade: *Praetor urbis e proconsul* da Lusitânia (62. a C.).

Outros denários figuravam um «busto de mulher, tendo na frente uma espiga de trigo e a legenda O. METELL, e por baixo um arado. No reverso, um gladiador, e por baixo L. E. G. F. G.». É a descrição do denário cunhado por *Quintus Metellus Scipio imperator*.

A sua descrição correcta, segundo Babelon I, 279, será:

50) Q. METELL. SCIPIO. IMP. (*Quintus Metellus Scipio, imperator*). A cabeça de África, toucada com uma pele de Elefante: na frente uma espiga de trigo; por baixo um arado.

R/ EPIIUS LEG. F. C. (*Epius legatus flaudum curavit*). Hércules de pé, pouca o braço esquerdo sobre a pele do leão e a maça.

Estes denários devem ter sido cunhados em África em 48/46 a. C. durante a estadia deste magistrado nesta Província, como lugar-tenente de Pompeu.

Pelos elementos até nós chegados e que acabamos de apreciar vemos que neste tesouro monetário, enterrado entre a Vila da Rua e Caria, na região dos *Colarni*, os 400 denários pertencem ao período compreendido entre 110 a. C. e 48 a. C. e portanto bem poderia ter sido adrede escondido no decurso da campanha de Cassio Longino contra os *Medobrigenses*, população que sabemos limitrofe dos *Colarni* e dos *Arabrigenses*.

Com grande probabilidade, podemos igualmente supor escondido, nesta época agitada, um outro tesouro que, no fim de Janeiro de 1877, um jornaleiro encontrou, na Vila da Rua, quando andava a plantar videiras (2). — Estava a um metro de profundidade, dentro de um vaso de barro, coberto com uma pedra, e dentro dele, alguns bocados de prata, em bruto e com peso de 2 1/2 Kgs. e entre a prata, algumas moedas do mesmo metal. Esta informação permite a suposição de que seria o

(1) BABELON, II, 10.

(2) PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VIII, pág. 253.

espólio de um lavrante de prata ambulante, escondido a quando da campanha contra as populações serranas da margem esquerda do Douro. No entanto, só com o exame das moedas é que poderíamos justificar uma melhor cronologia.

Temos mais algumas notícias sobre achados de moedas republicanas na região:

— Durante o rompimento da estrada do Marão, de Vila Real a Amarante, no Penedo Redondo — Torgueda — apareceram muitos denários que os operários dividiram entre si (1).

Também por ocasião da abertura da estrada de Vila Real a Murça, foram encontrados no Pópulo-Alijó — muitos denários da república romana, tendo o P.º Manuel Azevedo adquirido alguns exemplares (2).

Em 1892, próximo a Carrazeda de Ansiães apareceu uma boa porção de moedas romanas de prata, denários da república, que ali foram comprados por um ourives de Vila Real. Pode o P.º Azevedo escolher uns setenta.

Ainda em 1894, próximo à povoação dos Vales, freguesia de Trás-Minas — Vila Pouca de Aguiar — foram encontrados, quando um lavrador arava um campo, boa porção de moedas de Caio César e Lúcio César, e que deve ter sido enterrada posteriormente ao ano 46 a. C..

A estes conjuntos de denários que julgamos terem sido escondidos durante as campanhas de César, juntamos o tesourito do Monte Crasto, Gondomar e o que hoje pormenorizadamente estudamos e descoberto em 1930, no decurso dos trabalhos de abertura da estrada de Gouvinhas a Paradela de Guiães — (R. E. N. 21, 2.ª).

Nestes tesouros, como acontece nos enterrados após a guerra de Sertório e descobertos na *Citerior*, os denários consulares dão-nos a data da ocultação, ou enterramento, e como os de Espanha correspondem às campanhas de César contra os pompeyanos, os que temos referido devem corresponder às campanhas de César contra os *Lusitani* serranos das margens do Douro; todos eles denotam momentos culminantes da contenda Hispano-romana.

Tais achados denotam no seu conjunto e pelas moedas que os

(1) P.º M. AZEVEDO, *Notícias archeológicas de Trás-os-Montes*, Arch. Port. I, 135. Como alguns destes denários eram pertença da colecção do Juiz Luís de Bessa Correia, o qual em 1895 morava na Foz do Douro, agradecia-se qualquer informe que permitisse o seu estudo.

(2) Aut. e op. cit..

constituem uma posição estritamente romana, sem mostras de circulação ibérica ou indígena, o que nos pode permitir supor uma relativa romanização nestas populações.

Dos setecentos denários que teriam sido encontrados no lugar do Poio, Paradela de Guiães, só podemos estudar pormenorizadamente 237 exemplares que preenchendo o lapso cronológico entre 217 a. C. a 64 a. C., se podem agrupar em 62 famílias, em que intervieram 90 magistrados monetários.

Utilizamos para a descrição dos denários republicano-romanos que nos foi dado estudar a obra de Ernest Babelon (1): e que agrupamos por famílias de moedeiros, na sua descrição museológica, embora indicadores cronológicos e de magistrados tornem fácil o encontrar-se a sua posição cronológica.

Neste conjunto monetário, escondido intencionalmente, aparecem emissões de magistrados-moedeiros que mantiveram alguma relação com a nossa Península, pelo que não será despropositado algo referir sobre o valor económico do tesouro do Poio, aproximando-nos do valor aquisitivo das suas moedas, no tempo em que foram ocultas.

Para encontrarmos uma correlação socorremo-nos dum testemunho de POLYBIOS DE MEGALÓPOLIS, historiador e geógrafo grego do séc. II antes de Cristo e que esteve na Península nos fins da guerra Numantina, assistindo à tomada de Numância (133 a. C.).

O testemunho foi conservado por ATHENAIOS (H., 330-31) que transcreve a passagem do livro XXXIV das *Histórias* de POLYBIOS em que regista os preços de alguns géneros em *dracmas* (2).

Para estabelecermos a correspondência entre a moeda grega e romana, dracma-denário, recordemos que entre a primeira e segunda Guerra Púnica se emitiu, em Roma, o *victoriat*, ou dracma, equivalente a três quartos do denário (3).

Como pretendemos dar sòmente uma imagem do valor económico do tesouro em estudo consideramos os 700 denários do Poio como equivalentes a 933 dracmas. Com eles poder-se-iam adquirir: 48.516 litros ou 606 carros de cevada (4), uma vez que um *medimno* Siciliano equivalente à capacidade de 52 litros, custava um dracma. Como um

(1) *Monnaies de la République Romaine*, Paris 1885.

(2) C. FERNÁNDEZ-CHICARRO, *Laudes Hispaniæ*, pág. 36, Madrid, 1948; SCHULTEN, *Fontes Hispaniæ Antiquæ*, vol. II, pág. 134, Barcelona 1932.

(3) JEAN BABELON, *La numismatique antique*, pág. 88, Paris 1949.

(4) Cada carro comporta 40 medidas de 20 litros.

*metretes* de vinho custava outro dracma, e equivalia a 40 litros, poder-se-iam comprar mais de 74 pipas de vinho, ou 93 bois, que valiam 10 dracmas cada, ou ainda 186 porcos cevados ou vitelos.

Podemos, talvez, considerar o conjunto dos vasos e das moedas encontrados no lugar do Poio, Paradela de Guiães, como o tesouro dum grande terrantão, rico senhor comparável a Astolpa, o sogro de Viriato, aqueles que enriqueciam com o trato em larga escala com os dominadores romanos.

Este tesouro descoberto no território dos *Lapitearum*, denota, tanto pelas moedas como pelos vasos uma acentuada influência romana pois só num vaso é que mais se acentua a pervivência de módulos indígenas. Apesar dele ter sido, presumivelmente enterrado nas proximidades do ano 64 a. A. consabido é que já no período Viriatino — 155-136 a. C. — uma grande parte da população da *Lusitânia* mantinha relações amistosas com os dominadores romanos. A ilação pode tirar-se das bodas de Viriato com a filha do rico Astolpa (1). Viriato, como na sua boda se expusessem muitos objectos de valor, depois de os examinar perguntou a Astolpa, porque os romanos convidados para a sua mesa, vendo estas riquezas, se abstiveram de as apreenderem apesar de terem força para tanto. Respondeu-lhe Astolpa: «que muitos as tinham visto porém ninguém lhas tinha tomado ou pedido».

Viriato perguntou-lhe:— «Amigo, porque deixando à parte os poderosos que te permitem a liberdade e o seguro uso destas coisas, preferiste unir-te à minha rusticidade e obscuridade?»

Esta convivência com os dominadores romanos é igualmente confirmada com o epigrama que DIODORO (2) nos conta como fala de Viriato aos cidadãos de Tuca que ora se declaravam pelos romanos ora por ele. Verberando, compara a sua maneira de proceder com a de um ancião que arranjou duas esposas: «a mais jovem das quais, para o tornar mais semelhante a ela, arrancava-lhe as cãs, enquanto a mais velha lhe tirava os cabelos negros, o que o tornou calvo dentro de pouco tempo».

Se os romanos matavam os inimigos do seu partido, os lusitanos de Viriato suprimiam os contrários, pelo que dentro de pouco ficaria deserta a cidade (3).

(1) DIOD. 33, 7, 1.

(2) DIOD. 33, 7, 5.

(3) SCHULTEN, *Fontes Hispaniæ Antiquæ*, vol. III, pág. 121.

O esclarecimento destes nebulosos contactos entre os Lusitanos e os Romanos, só poderão ser iluminados e esclarecidos com uma metódica investigação arqueológica e numismática, na qual a cartografia dos conjuntos monetários, será um testemunho valioso.

Para o conhecimento das relações existentes no Século I a. C. entre os *Lapitæ*, mais tarde incorporados na *Terra de Pannoyas*, e as gentes de Roma tem crescido interesse o estudo monográfico do tesouro argênteo de Paradela de Guiães que já referimos e em pormenor estudaremos.

### AS MOEDAS (1)

- I) Moedas sem marcas monetárias 268-217 a. C.  
 6) Cabeça da Deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás X. R/ ROMA. A vitória numa biga, galopando.  
 II) Moedas com símbolos 268-217 a. C.  
 20) Cabeça da Deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás X. R/ ROMA. Os dióscuros, a cavalo, galopando para a esquerda. Variante: flor (?).

#### ABURIA

- 133) M. ABURIUS. M. F. GEMINUS — Denário — 2 exemplares. 129 a. C.  
 6) GEM (*Geminus*). Cabeça Deusa Roma, com o capacete alado; à frente X. R/ M. ABURI-ROMA (*Marcus Aburius-Roma*). O Sol numa quadriga a galope, empunha um látigo na mão direita (2).  
 134) C. ABURIUS GEMINUS — Denário — 2 exp. 129 a. C.  
 1) GEM (*Geminus*). Cabeça da Deusa Roma, com capacete alado, à frente X. R/ C. ABURI-ROMA (*Caius, Aburius-Roma*). Marte toucado, de pé numa quadriga a galope, segurando um trofeu, uma lança e um escudo.

#### AELIA

- 67) Denário de P. ALLIUS PAETUS — 3 exemplares 209 a. C.  
 3) Cabeça da Deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás X. R/ P. PAETVS. ROMA (*Publius Paetus, Roma*). Os dióscuros a cavalo, galopando, a lança em riste e sobrepujados por dois astros.  
 217) C. ALLIUS BALLA — Denário — 6 exemplares 90 a. C.  
 4) BALA. A cabeça diademada de Diana (?). Adiante uma letra do alfabeto que varia. R/ C. ALII (*Caius Allus*). Diana empunha dois archotes, numa biga de veados galopando; sob os veados um símbolo que varia. O todo envolvido por uma coroa de loureiro. Variantes: B — tortue; A — sauterelle; ? — dauphin; ? — anel, la charrue; ? — crabe; ? — couteau.

(1) Deve-se a relação destas moedas que agora se descrevem ao ilustre numismata, Sr. Ed. M. van der Niepoort, que as examinou em 1935.

(2) Sempre que se não refira os elementos estão voltados para a direita.

## ÆMILIA

156) MAN. ÆMILIUS LEPIDUS — Denário — 3 exp. 112 a. C.

7) Variante: NV ÆMILI. LEP. (*Manio Aemilio Lepido*). Três arcaturas dum arco de triunfo suportam a estátua dum cavaleiro que empunha uma vara. A estátua está voltada e sob os arcos as letras LEP da legenda.

## ANNIA

266) C. ANNIUS LVSCUS PROCONSUL — 1 exp. 82 a 81 a. C.

1) C. ANNI. T. F. T. N. PROCOS. EX S. C. (*Caius Annius Titi filius, Titi nepos, proconsul, ex senatus consulto*). Busto diademado de Anna Perenna, a diante uma balança. R/ C. TARQUITI P. F.; no campo, Q (*Caius Tarquitius, Publii filius, quaestor*). A Victoria segura uma palma, numa biga a galope, no campo, por baixo da biga XIII. [Guerreuo Sertório na *Hispania* (Pirineos) — cunhado na *Hispania*].

2) C. ANNI. T. F. T. N. PROCOS. EX S. C. (*Caius Annius, Titi filius nepos, Proconsul, ex Senatus consulto*). Busto diademado de Anna Perenna; diante, uma balança; atrás, um caduceu. R/ L. FABI. L. F. HISP. (*Lucius Fabius, Lucii filius, Hispaniensis*). No campo, Q (*quaestor*). Victoria segura uma longa palma, numa quadriga a galope.

5) C. ANNIUS T. F. T. N. PROCOS. EX S. C. A mesma cabeça e a mesma legenda. R/ L. FABI. L. F. ao exergo; HISP. Q. no campo — Victoria segura uma palma na quadriga a passo.

## ANTESTIA

142) L. ANTESTIUS GRAGULOS — Denário — 2 exp. 124 a. C.

9) GRAG, ou GRAC (*Gragulus*). Cabeça da Deusa Roma, com o casco alado X. R/ L. ANTES. ROMA (*Lucius Antestius, Roma*). Júpiter de pé, numa quadriga, galopa, empunhando um cetro e lançando um raio.

## ANTONIA

262) Q ANTONIUS BALBUS, PRAETOR — Denário denteado — 2 exp. 82 e 81 a. C.

1) Cabeça laureada de Júpiter, atrás, S. C. (*Senatus Consulto*). R/ Q. ANTO. BALB. PR (*Quintus Antonius Balbus, Praetor*). Victoria sustentando uma coroa e uma palma comprida, de pé, numa quadriga a galope.

## APPULEIA

204) L. APPULEIUS SATURNINUS — Denário — 4 exp. 94 a. C.

1) Cabeça da Deusa Roma, à esquerda, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia. R/ L. SATVRN (*Lucius Saturninus*). Saturno numa quadriga a galope, empunha uma fouce. No campo: i; - ∞; · S.

204) L. APPULEIUS SATURNINUS — 1 exp. 94 a. C.

3) L. SATURN (*Lucius Saturninus*). Saturno dentro duma quadriga galopa, empunhando o arpão. No campo T. R/ ROMA. Saturno na quadriga galopa, empunhando o arpão.

## AURELIA

210) M. AURELIUS SCAURUS — Denário denteado — 1 exp. 92 a. C.

20) M. AURELI. ROMA. (*Marci Aurelii, Roma*). Cabeça da deusa Roma, com o

capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás X. R/ SCAVRI. L. LIC. CN. DOM. (*Scauri, Lucio Licinio Cnaeo Domitio*, subentende-se *Censoribus*), guerreiro gaulês nu, empunhando o *carnyx* e um escudo e arremessando um dardo, de pé, numa biga a galope.

215) L. AURELIUS COTA — Denário denteado — 1 exp. 90 a. C.

21) Cabeça barbada de Vulcano, toucada com o barrete cônico; atrás, as tenazes e a marca X, O todo dentro de uma coroa de mirto. R/ L. COT. (*Lucius Cota*). Águia com as asas abertas, sobre um raio. O todo dentro duma coroa de louros.

#### BAEBIA

108) M. BAEBIUS Q. F. TAMPILUS — Denário — 2 exp. 144 a. C.

12) TAMPIL. (*Tampilus*). Cabeça da deusa Roma à esquerda, com o capacete alado, adiante X. R/ ROMA. M. BAEBI. Q. F. (Roma. *Marcus Baebius, Quinti filius*). Apolo meio nu, o capote flutuante, empunha uma palma, um arco e uma flecha, de pé numa quadriga, a galope.

#### CAECILIA

137) Q. CAECILIUS METELLUS — Denário — 1 exp. 129 a. C.

21) Q. METE. (*Quintus Metellus*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; à frente X. R/ ROMA. Júpiter, segura um raio e uma palma, de pé, numa quadriga, que avança a passo.

144) M. CAECILIUS METELLUS. Q. F. — Denário — 2 exp. 122 a. C.

28) ROMA. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; adiante X. R/ M. METELLVS Q. F. (*Marcus Metellus Quinti filius*). Escudo macedônio, cujo *umbo* é decorado por uma cabeça de elefante. O todo dentro duma coroa de louros.

193) Q. CAECILIUS METELLUS PIUS — Denário — 1 exp. 99 a. C.

38) Cabeça de Roma, com o capacete alado; atrás X. R/ ROMA. A Piedade, empunhando um cetro e um ramo de loureiro, de pé, numa briga galopando. Uma cabeça de elefante com sua campainha.

242) L. CAECILIUS METELLUS — Denário — 1 exp. 89 a. C.

45) L. METEL. A. ALB. S. F. (*Lucius Metellus, Aulus Albinus Spurii filius*). Cabeça laureada de Apolo; em baixo, uma estrela. R/ C. MAL. ROMA (*Caius Malleolus, Roma*). A deusa Roma, segura uma espada e a lança assentada à esquerda e sob escudos e é coroada pela Victoria, de pé e atrás dela.

#### CALIDIA

169) M. CALIDIUS — Denário — 2 exp. 108 a. C.

1) ROMA. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; à frente X. R/ M. CALID. Q. MET. CN. FL. (*Marcus Calidius, Quintus Metellus, Cnaeus Fulvius*). Victoria, segurando uma coroa, de pé, numa biga a galope.

#### CALPURNIA

192) L. CALPURNIUS PISO CAESONINUS, QUAESTOR — Denário — 2 exp. 100 a. C.

5) PISO. CAEPIO. Q. (*Piso, Caepio, quaestores*). Cabeça de Saturno; atrás o arpão. R/ AD FRU. EMV. EX S. C. (*Ad frumentum emendum, ex Senatus consulto*).

Os dois questores Piso e Caepio, sentados perto um do outro sobre o *subsellium*, entre duas espigas e voltados para a esquerda.

229) L. CALPURNIUS PISO FRUGI — Denário — 4 exp. 89 a. C.

1) Cabeça laureada de Apolo — adiante ou atrás uma marca monetária — diversas. R/ L. PISO. FRVG. (*Lucius Piso Frugi*). Cavaleiro a galope. Segura uma palma, por baixo uma marca monetária.

#### CASSIA

163) C. CASSIUS LONGINUS — Denário — 1 exp. 110 a. C.

1) Cabeça nua da deusa Roma, com o capacete alado; atrás X e uma urna de voto. R/ C. CASSI. ROMA. (*Caius Cassius. Roma*). A liberdade, ostenta um cetro e um barrete, de pé, numa quadriga a galope.

4) L. CASSIUS CAECIANUS — Denário — 1 exp. 90 a. C.

CAECIAN (*Caecianus*). Cabeça de Ceres, à esquerda, coroada de espigas; atrás CT. R/ L. CASSI (*Lucius Cassius*). Dois bois jungidos a um arado e caminhando para a esquerda. No campo: CF ER.

#### CIPIA

201) M. CIPIUS M. f. — Denário — 2 exp. 94 a. C.

1) M. CIPI. M. F. (*Marcus Cippius Marci filius*). Cabeça da deusa Roma com o capacete aladado; atrás X. R/ Victoria empunhando uma palma, numa biga, galopando; por baixo, um leme.

#### CLAUDIA

174) C. CLAUDIUS PULCHER — Denário — 3 exp. 106 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado. R/ C. PULCHER (*Caius Pulcher*). Victoria numa biga, galopa.

249) TI. CLAUDIUS T. F. AP. N. NERO — 2 exp. 84 a. C.

5) Busto de Diana, com um arco e uma aljava sobre a espádua; adiante, S. C. (*Senatus Consulto*). R/ TI. CLAUD. TI. F. AP. N. (*Tiberius Claudius, Tiberii filius, Apii nepos*). Victoria numa biga a galope, segurando uma palma e uma coroa; debaixo da biga, A. XX e A'. N. Num anverso [c] LAD A'. N.

#### CLOULIA

148) T. CLOULIUS — Denário — 2 exp. 119 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com um capacete alado; por baixo a palavra ROMA; atrás, uma coroa. R/ T. CLOULI. (*Titus Cloulius*). Victoria dentro duma biga a galope; debaixo dos cavalos, uma espiga.

#### COILIA

205) C. COILIUS CALDUS — Denário — 1 exp. 94 a. C.

2) Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado. R/ C. COIL. CALD. (*Caius Collius Caldus*). Victoria numa biga a galope, para a esquerda. No campo: D.

205) C. COILIUS CALDUS — Denário — 2 exp. 94 a. C.

3) Cabeça da deusa Roma, à esquerda, com capacete alado. R/ CALD. (*Caldus*).  
Victoria numa biga a galope, para a esquerda; no exergo C; :O.

#### CORNELIA

194) CN. CORNELIUS BLASIO CN. F. — Denário — 2 exp. 99 a. C.

19) CN. BLASIO. CN. F. (*Cnaeus Blasio, Cnaei filius*). Cabeça com capacete, de Cipião, o Africano, o antigo; por cima uma estrela; atrás, uma marca monetária :TT e Φ.  
R/ ROMA. Júpiter, de pé, segura o raio e o cetro, entre Juno à sua direita e Pallas com capacete, à sua esquerda, que coroa o soberano dos Deuses.

276) CN. CORNELIUS LENTULUS P. F. MARCELINUS, QUAESTOR — 2 exp. 74 a. C.

50) Busto de Marte jovem, com capacete, visto a três quartos, e a lança sobre a espádua. R/ CN. LENTUL (*Cnaeus Lentulus*). A Victoria segura uma coroa, numa biga galopando.

#### CREPUSIA

252) P. CREPUSIUS — Denário — 3 exp. 84 a. C.

1) Cabeça laureada de Apolo, com um cetro sobre a espádua; no campo, uma ou duas marcas monetárias, H—?;ccc?;vP?. R/ P. CREPVSII (*Publius Crepusius*). Cavaleiro brandindo uma lança.

#### CUPIENNIA

95) L. CUPIENNIUS — Denário — 2 exp. 164 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado; atrás, uma cornucópia, adiante, X. R/ L. CUP. ROMA (*Lucius Cupiennius. Roma*). Os dióscuros a cavalo galopam.

#### CVRTIA

151) Q. CURTIUS — Denário — 2 exp. 114 a. C.

2) Q. CVRT. (*Quintus Curtius*). Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado; atrás, X. R/ M. SILA. ROMA (*Marcus Silanus. Roma*). Júpiter dentro duma quadriga a galope, empunhando um cetro e lançando um raio. Por baixo, o *Lituus*.

#### FABIA

110) Q. FABIVS LABEO — Denário — 4 exp. 144 a. C.

1) LABEO. ROMA. Cabeça da deusa Roma com o capacete alado; adiante, X. R/ Q. FABI. (*Quintus Fabius*). Júpiter empunha o cetro e lança um raio, de pé numa quadriga galopando; debaixo da quadriga, um esporão dum navio.

#### FANNIA

107) M. FANNIVS C. F. — Denário — 2 exp. 149 a. C.

1) ROMA. Cabeça da deusa Roma com o capacete alado; atrás, X. R/ M. FAN. C. F. (*Marcus Fannius, Caii filius*). A Victoria segura uma coroa, numa quadriga a galope.

## FLAMINIA

199) L. FLAMINIUS CILO — Denário — 2 exp. 94 a. C.

1) ROMA. Cabeça da deusa Roma com o capacete alado; adiante, X. R/ L. FLAMINI. CILO (*Lucius Flaminius Cilo*). A Victoria, ostentando uma coroa de pé numa biga, galopando.

## FONTEIA

159) C. FONTEIUS — Denário — 3 exp. 112 a. C.

1) Cabeça laureada e bifronte de Fontus, filho de Janus, com uma barba curta; à direita, X; à esquerda, uma marca monetária variável [Var. G 1...; N...; L] G.... R/ C. FONT. ROMA. (*Caius Fonteius. Roma*). Galera com um piloto e três filas de remadores, navega para a esquerda.

178) MAN. FONTEIUS — Denário — 1 exp. 104 a. C.

7) Cabeças ligadas e laureadas dos Dióscuros sobrepujados por duas estrelas; adiante, X. R/ NV. FONTEI (*Manius Fonteius*). Galera munida de remos, com um piloto ao leme; no campo, uma marca monetária.

226) Cabeça laureada de Apolo Vejovis. Por cima, um raio. R/ Júpiter em cima de uma quadriga a galope, lançando um raio.

237) MAN. FONTEIUS C. F. — Denário — 1 exp. 89 a. C.

9) NV. FONTEI. C. F. — (*Manius Fonteius Caii filius*). Cabeça laureada de Apolo Vejovis. Por baixo, um raio; adiante,  $\overset{\text{P}}{\Delta}$  (Apollo). R/ O génio alado de Apolo Vejovis, criança, montado na cabra Amalteia; por cima, os barretes dos Dióscuros; em baixo, um tirso; o todo dentro de uma coroa de loureiro.

10) NV. FONTEI. C. F. (*Manius Fonteius Caii filius*). Cabeça laureada de Apolo Vejovis, jovem, montado sobre a cabra Amalteia; por baixo, um tirso; o todo dentro duma coroa de louros.

12) EX AP. (*ex argento publico*). Cabeça laureada de Apolo Vejovis; por baixo, o raio. R/ O génio alado de Apolo, jovem, montado sobre a cabra Amalteia; de cada lado, os barretes dos Dióscuros; por baixo, um tirso. O todo dentro de uma coroa de louros.

## FVRIA

180) M. FOURIUS L. F. PHILUS — Denário — 2 exp. 104 a. C.

18) M. FOURI. L. F. (*Marci Fourii, Lucii filii*). Cabeça laureada de Janus. R/ PHILI. ROMA. A deusa Roma toucada, de pé, voltada para a esquerda, empunha um ceptro na mão esquerda e coroa um trofeu, debaixo do qual estão dois escudos e dois *caryx*; por cima uma estrela.

## HERENNIA

195) M. HERENNIUS — Denário — 2 exp. 99 a. C.

1) PIETAS. Cabeça diademada da Piedade; no campo um Ç. R/ M. HERENNI (*Marcus Herennius*). *Amphinomus* ou *Anapias*, nu, e caminhando para a frente, leva o seu pai aos ombros.

## JULLIA

218) L. JULLIUS L. F. CAESAR — Denário — 2 exp. 90 a. C.

4) CAESAR. Cabeça com capacete de Marte, à esquerda; no campo uma marca monetária  $\overline{\text{P}}$ ; · E · E. R/ L. IVLI. L. F. (*Lucius Julius Lucii filius*). Venus Genetrix num carro alado, à esquerda, e puxado por dois Amores; adiante, uma lira. No campo, uma marca monetária  $\overline{\text{P}}$ ; · E.

238) L. IVLIVS BVRSTO — Denário — 4 exp. 88 a. C.

5) Cabeça de Apolo Vejovis, voltada, os cabelos anelados e tendo asas nas têmporas; atrás, um tridente e uma marca monetária. R/ R. IVLI. BVRSTO (*Lucius Julius Bursio*). A Victoria segura uma coroa, numa quadriga galopante.

## IVNIA

230) D. IVNIVS SILANVS L. F. — Denário — 7 exp. 89 a. C.

15) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás uma letra alfabética:  $\overline{\text{L}}$ ; v; P; H; M; C. R/ D. SILANVS L. F. ROMA (*Decimus Silanus Lucii filius. Roma*). A Victoria numa biga a galope; por cima um número variável: XIII; XIII; ?; IV; VI —  $\overline{\text{L}}$ ; V — XIII; P — XIII; H — ?; M — IV; C — VI.

D. IVNNIVS SILANVS — Denário — 3 exp. 89 a. C.

16) Variante, com D. SILANVS ROMA. — ? E; H — XXII; H — ?

18) SALVS (as letras A L em monograma). Cabeça diademada de Salus, adiante, uma letra. O todo dentro dum colar. R/ ROMA. D. SILANVS L. F. (*Roma. Decimus Silanus, Lucii filius*). A Victoria numa biga a galope, segura uma palma e um chicote.

230) Denário — 1 exp. 89 a. C.

19) Máscara de Sileno coroada de ramos de pinheiro; por baixo, uma charrua. O todo dentro duma gargantilha. R/ D. SILANVS L. F. (*Decimus Silanus, Lucii filius*). A Victoria dentro duma biga a galope, segurando uma palma e um látigo; debaixo da biga um *cornyx*.

## LICINIA

160) P. LICINIUS NERVA — Denário — 1 exp. 110 a. C.

7) ROMA. Busto da deusa Roma, à esquerda, tocada com um capacete com duas plumas, empunhando na mão esquerda um dardo apoiado na espádua; no braço esquerdo, um escudo cujo distintivo é um cavaleiro galopante, à esquerda; por cima da cabeça, um crescente; diante do busto X. R/ P. NERVA (*Publius Nerva*). Três cidadãos romanos, com a toga, no recinto dos comícios: um apoiado no estrado deposita o seu voto na urna; o segundo, colocado também sobre o estrado parece receber um boletim de voto das mãos do terceiro visível somente até meio do corpo. Atrás dos personagens, duas linhas paralelas simulam uma cancela e mais um *scabellum* dos tribunos da plebe.

264) C. LICINIUS L. F. MACER — Denário — 2 exp. 82-81 a. C.

16) Busto jovem, diademado de Apolo Vejovis lançando um feixe de flechas, voltado à esquerda e visto de costas. R/ C. LICINIUS L. F. MACER (*Caius Licinius Lucii filius Macer*). Palas numa quadriga a galope, segurando um escudo e uma lança.

## LVCILIA

234) M. LUCILIUS RUFUS — Denário — 3 exp. 89 a. C.

1) PV. (*Publice*). Cabeça da deusa Roma, com o casco alado e sobrepujado por uma cabeça de águia. Tudo dentro duma coroa de louros. R/ M. LVCILI. RVF. (*Marcus Lucilius Rufus*). A Victoria ostenta um látigo, numa biga a galope.

## LUCRETIA

96) CN. LUCRETIUS TRIO — Denário — 2 exp. 164 a. C.

1) TRIO. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; adiante X. R/ CN. LUCR. ROMA (*Cnaeus Lucretius. Roma*). Os dióscuros a cavalo, galopam.

278) L. LUCRETIUS TRIO — Denário — 2 exp. 74 a. C.

3) Cabeça laureada de Neptuno, com um tridente sobre a espádua; atrás um número variável [XXI e LXXII]. R/ L. LUCRETI TRIO (*Lucius Lucretius Trio*). Um Cupido sobre um delfim, nada.

## LVTATIA

181) Q. LUTATIUS CERCO, QUAESTOR — Denário — 4 exp. 104 a. C.

2) CERCO. ROMA. Cabeça da deusa Roma, com um capacete com crinas e ornamentado com uma pluma e duas estrelas; atrás X. R/ Q. LVTATI. Q. (*Quintus Lutatius, quaestor*). Galera cuja proa é ornada com uma cabeça com um capacete, e a popa, dum *acrostolium*; o todo dentro duma coroa de folhas de carvalho.

## MAENIA

164) P. MAENIUS ANTIATICUS — Denário — 4 exp. 110 a. C.

7) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás, X. R/ P. MAE. ANT. ROMA. (*Publius Maenius Antiaticus. Roma*). A Victoria, segurando uma coroa, numa quadriga a galope.

## MALIA

197) T. MALLIUS, QUAESTOR URBANUS — Denário — 1 exp. 99 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado; atrás um objecto tendo a forma circular inscrita num triângulo. R/ AP. CL. T. MAL. Q. VR. (*Appius Claudius, Titus Mallius, quaestores urbanis*). Victoria numa biga galopando.

197) Variante 99 a. C.

2) A mesma descrição, mas a legenda do R/ é disposta: T. MAL. AP. CL. Q. VR. (*Titus Mallius Appius Claudius, quaestores urbanis*).

## MANLIA

259 bis) L. MANLIUS, PROQUAESTOR — Denário — 2 exp. 82 e 81 a. C.

4) L. MANLI. PROQ. (*Lucius Manlius, proquaestor*). Cabeça da deusa Roma, toucada com o casco alado. R/ L. SULLA IM. (*Lucius Sylla, imperator*). Sylla numa quadriga a passo, segurando um cetro e coroada pela Victoria.

## MARCIA

- 158) L. MARCIUS PHILIPPUS — Denário — 2 exp. 112 a. C.  
 12) ROMA (em monograma). Cabeça de Filipe V da Macedónia, toucada com o capacete real macedónio, ornado por dois cornos de bode, dum diadema e de paragnatides; adiante a letra Φ (Φίλιππος). R/ L. PHILIPPVS (*Lucius Philippus*). Na base duma estátua equestre representando um guerreiro que tem um ramo na mão direita; debaixo do cavalo um ramo inclinado; no exergo, X.
- 166) Q. MARCIUS PILIPUS — Denário — 2 exp. 109 a. C.  
 11) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ Q. PILIPUS. ROMA. (*Quintus Pilipus. Roma*). O rei Filipe da Macedónia, armado com uma lança e vestido com traje grego, a cabeça toucada com o capacete macedónio, sobre um cavalo galopando; no campo, o capacete real macedónio é ornamentado de cornos de bode.
- 248) C. MARCIUS CENSORINUS — Denário — 2 exp. 84 a. C.  
 18) Cabeça barbada de Numa Pompilius e a cabeça imberbe de Ancus Marcius, juntos e diademados; sobre as cabeças H. R/ C. CENSO. (*Caius Censorinus*). Dois cavalos galopando; sobre um deles um jovem — *desultor* — armado com um látego e saltando dum para o outro; no campo XXXII.
- 19) Cabeça diademada de Apolo, os cabelos ondulados. R/ C. CENSORI. (*Caius Censorinus*). Cavalo em liberdade, a grande galope.
- 253) L. MARCIUS CENSORINUS — Denário — 2 exp. 84 a. C.  
 24) Cabeça laureada de Apolo. R/ L. CENSOR. (*Lucius Censorinus*). O sátiro Marsyas, de pé, à esquerda, com uma cauda e borzeguins, levando um outro sobre a espádua e levantando o braço; atrás dele uma coluna encimada por uma estátua vestida (felpuda).

## MEMMIA

- 268) L. MEMMIUS L. F. et C. MEMMIUS L. F. — Denário — 2 exp. 82 a. C.  
 8) EX S. C. (*Ex senatus consulto*). Cabeça laureada de Saturno, à esquerda, a fouce ou *harpé*. R/ L. C. MEMMIES. L. F. CAL. (*Lucius, Caius Memies, Lucii filii, Galeria*). Venus empunhando um cetro, numa biga a passo e coroada pelo Amor que para ela avança, voando.

## MINUCIA

- 105) Q. MINUCIUS RUFUS — Denário — 1 exp. 149 a. C.  
 1) RVF. (*Rufus*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás, X. R/ Q. MINV. ROMA. (*Quintus Minucius. Roma*). Os dióscuros a cavalo galopam.
- 154) TI MINUCIUS AUGURINUS — Denário — 2 exp. 114 a. C.  
 9) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás, X. R/ TI. MINVCI. C. F. AVGVRI. ROMA. (*Tiberii Minucii, Caii filii, Augurini. Roma*). Coluna jónica, formada por pedras, umas sobre as outras, no cimo uma estátua; a base é ornada com espigas; ao lado dois togados: um L. Minucius, com o pé pousado sobre um alqueire, tem nas mãos um pão e um prato; o outro M. Minucius Faesus empunha o *Lituus* ou vara augural.

## MINUCIA

221) Q. MINUCIUS THERMUS — Denário — 2 exp. 90 a. C.

19) Cabeça da deusa Roma, à esquerda, com o capacete de crínas e plumas.  
R/ Q. THERM. M. F. (*Quintus Thermus, Marci filius*). Dois guerreiros combatentes; um é um legionário romano, o outro é um bárbaro e tem um capacete adornado de cornos e um escudo chanfrado; entre estes um guerreiro romano derribado.

## OPIMIA

127) L. OPEIMIUS — Denário — 2 exp. 134 a. C.

12) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás, uma coroa de louros; à frente, X. R/ L. OPEIMI. ROMA. (*Lucius Opeimius, Roma*). A Victoria sustenta uma coroa, numa quadriga a galope.

128) M. OPEIMIUS — Denário — 1 exp. 134 a. C.

16) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado; atrás, um tripé; à frente, X. R/ M. OPEIMI. ROMA. (*Marcus Opeimus, Roma*). Apolo armado com um arco, uma flecha e com uma aljava, de pé numa biga, galopando.

## PAPIRIA

112) M. PAPIRIUS CARBO — Denário — 3 exp. 139 a. C.

6) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, um ramo de loureiro; à frente, X. R/ M. CARBO. ROMA. (*Marcus Carbo, Roma*). Júpiter empua um raio e o cetro, numa quadriga a galope.

## PINARIA

77) PINARIUS NATA — Denário — 2 exp. 200 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ NATTA. ROMA. A Victoria numa biga galopa e segura um látigo em que por vezes a ponta está enrolada no cabo.

2) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e com uma cabeça de águia; atrás, X. R/ NAT. ROMA. (*Nata, Roma*). A Victoria segurando um látigo, numa biga a galope.

## POMPEIA

140) SEX POMPEIUS FOSTULUS — Denário — 3 exp. 129 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com o casco alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, um vaso para leite; à frente, X. R/ SEX. PO. FOSTLVS. ROMA. (*Sextus Pompeius Fostlus, Roma*). A Loba aleita os gémeos Romulus e Remus, debaixo da figueira Ruminal, sobre a qual se vêem três aves; à esquerda, o pastor Faustulus, de pé, apoiado no cajado.

## POMPONIA

213) L. POMPONIUS — Denário denteado — 1 exp. 92 a. C.

7) L. POMPONI. CN. F. (*Lucius Pomponius Cnaei filius*). Cabeça da deusa Roma, com o casco alado; atrás, X. R/ L. LIC. CN. DOM. (*Lucio Licínio, Cnaeo Domitio*). Bituitus, de pé numa biga, galopa; leva um escudo e um *carnyx* e arremessa um dardo.

## PORCIA

- 106) C. PORCIUS CATO — Denário — 3 exp. 149 a. C.  
 1) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás X. R/ C. CATO. ROMA (*Caius Cato. Roma*). A Victoria empunha um látigo numa biga a galope.
- 135) M. PORCIUS LAECA — Denário — 2 exp. 129 a. C.  
 3) LAECA. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; diante, X. R/ M. PORC. ROMA (*Marcus Porcius. Roma*). A Liberdade empunha um barrete e um ceptro, de pé, numa quadriga a galope e coroada pela Victoria que voa por cima dos cavalos.
- 161) P. PORCIUS LAECA — Denário — 2 exp. 110 a. C.  
 4) P. LAECA (*Publius Laeca*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; à frente, X. R/ PROVOCO. Guerreiro romano armado com uma couraça e uma espada e seguido por um lictor levando o feixe; o guerreiro, voltado para a esquerda, estende a mão por cima da cabeça dum cidadão togado.
- 185) M. PORCIUS CATO — Denário — 1 exp. 101 a. C.  
 5) M. CATO ROMA (*Marcus Cato. Roma*). Cabeça com o diadema da Liberdade. R/ variante 6/ VICTRIX. Victoria alada e sentada, tendo uma pátera e uma palma. Debaixo da cadeira ST (*stipendium*).
- 214) L. PORCIUS LICINUS — Denário dentado — 1 exp. 92 a. C.  
 8) L. PORCI. LIC. (*Lucii Porcii Licini*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ L. LIC. CN. DOM. (*Lucio Licínio, Cnaeco Domítio*). O rei arverno Bituitus, nu, com capacete, segura um escudo e o *carnyx*, e arremessa um dardo, de pé numa biga galopante.

## POSTUMIA

- 131) L. POSTUMIUS ALBINUS — Denário — 1 exp. 134 a. C.  
 1) Cabeça da deusa Roma, toucada com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, um *apex*, à frente, X. R/ L. POST. ALB. ROMA (*Lucius Postumius Albinus. Roma*). Marte, toucado, com o casco armado com uma lança e um escudo e levando um trofeu, de pé numa quadriga que galopa.
- 244) A. POSTUMIUS ALBINUS — S. f. — 1 exp. 89 a. C.  
 4) ROMA. Busto de Diana com o arco e a aljava sobre a espádua. R/ A. ALBINUS S. F. (*Aulus Albinus, Spurii filius*). Três cavaleiros galopam à esquerda, a lança em riste, armados de escudos ronds; diante deles um guerreiro derribado, e no campo a extremidade de duas insígnias militares.  
 6) Cabeça laureada de Apolo; por baixo, R. (*Roma*); à frente, X; atrás, uma estrela. R/ A. ALBINUS S. F. (*Aulus Albinus Spurii filius*). Os Dióscuros Castor e Pollux, de pé e à esquerda apoiados na sua lança e deixando beber os cavalos na fonte Juturna; por cima um crescente.
- 293) C. POSTUMIUS At... (ou ta...) — 4 exp. 64 a. C.  
 9) Busto de Diana, com o arco e a aljava. R/ C. POSTUMI. (*Caius Postumius*). Cão correndo a toda a velocidade, por baixo uma alabarda de caça; no exergo o monograma *Ā*.

## RENIA

103) C. RENIUS — 2 exp. 154 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ C. RENI, ROMA. (*Caius Renius. Roma*). Juno Caprotina segurando o ceptro e um látigo, vestida com *astola*, de pé numa biga atrelada a bodes, a galopar.

## RUBRIA

258) L. RUBRIUS DOSSENSUS — 6 exp. 83 a. C.

1) DOSSEN. (*Dossenus*). Cabeça laureada de Júpiter, o ceptro sobre a espádua. R/ L. RUBRI. (*Lucius Rubrius*). Carro triunfal — *tensa* — atrelado a quatro cavalos a passo, ornado por um raio e sobrepujado pela Victoria voando e empunhando uma coroa.

2) DOS. (*Dossenus*). Cabeça diademada e com um véu, de Juno, o ceptro sobre a espádua. R/ L. RUBRI. (*Lucius Rubrius*). Carro triunfal — *tensa* — atrelado a quatro cavalos a passo, ornado duma águia sobre um raio, e sobrepujado por uma Victoria voando e segurando uma coroa.

3) DOS. (*Dossenus*). Busto com capacete da deusa Roma. R/ L. RUBRI. (*Lucius Rubrius*). Carro triunfal — *tensa* — atrelado a quatro cavalos a passo, ornado por uma águia sobre um raio e sobrepujado por uma Victoria numa biga a galope.

## SAUFEIA

78) L. SAUFEIUS — Denário — 2 exp. 200 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com um capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ L. SAUF. ROMA. (*Lucius Saufeius. Roma*). A Victoria empunha um látigo, numa biga a galope.

## SCRIBONIA

74) C. SCRIBONIUS CURIO — Denário — 2 exp. 204 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ C. SCR. ROMA. (*Caius Scribonius. Roma*). Os dióscuros a cavalo, galopando.

## SENTIA

233) L. SENTIUS C. f. — 2 exp. 89 a. C.

1) ARG. PUB. (*argento público*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia. R/ L. SENTI. C. F. (*Lucius Senti Caii filius*). Júpiter segura o ceptro e o raio, dentro duma quadriga a galope; no campo uma letra alfabética: Q. L.

## SERGIA

182) M. SERGIUS SILUS — quaestor — Denário — 2 exp. 104 a. C.

1) ROMA. Ex S. C. (*Roma. Ex senatus consulto*). Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ M. SERGI.

SILUS. (*Marcus Sergius Silus*). No campo Q: (quaestor). Um cavaleiro, armado com capacete e couraça, galopa para a esquerda. Tem na mão esquerda a espada e segura pelos compridos cabelos a cabeça dum inimigo vencido, talvez de um gaulês.

## SERVILIA

143) C. SERVEILIUS M. f. Augur — Denário — 2 exp. 124 a. C.

1) ROMA. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, uma coroa de louros e X. R/ C. SERVEILLI M. F. (*Caius Serveilius Marci filius*). Os Dióscuros a cavalo, galopando em sentido contrário, olham-se com as suas lanças descidas e os seus capacetes estão sobrepujados por estrelas.

202) M. SERVEILIUS C. f. — Denário — 1 exp. 94 a. C.

13) Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ M. SERVEILLI C. F. (*Marcus Serveilius Caii filius*). Dois cavaleiros armados com espadas e escudos combatem de pé, perto dos seus cavalos; no exergo B.

236) P. SERVILIUS M. f. RULLUS — 1 exp. 89 a. C.

14) RULL. I. Busto com o capacete de Palas, à esquerda, com a égide no peito. R/ P. SERVILLI M. F. (*Publii Servillii Marci filii*). A Victoria segura uma palma, numa biga galopando; debaixo da biga, P (*publice*).

## SPURILIA

62) A. SPURILIUS — Denário — 2 exp. 214 a. C.

1) Cabeça da deusa Roma, com o casco alado e sobrepujado por uma cabeça de águia; atrás, X. R/ A. SPURI. ROMA. (*Aulus Spurilius. Roma*). Diana, com a cabeça por cima de um crescente e empunhando uma vara, de pé, numa biga a galope.

## THORIA

203) (?) T. THORIUS BALBUS — Denário — 2 exp. 94 a. C.

I. S. M. R. (*Juno Sispes Mater Regina*). Cabeça de Juno Lanuviana, coberta por uma pele de cabra. R/ L. THORIUS BALBUS (*Lucius Thorius Balbus*). Touro furioso, cabriola, no campo as letras E; O.

L. THORIUS BALBUS entrou na guerra de Espanha contra Sertório, sob as ordens de Metellus e nesta campanha 79 a. C. foi derrotado e morto por Hirtuleius.

## TITIA

219) Q. TITIUS — Denário — 1 exp. 90 a. C.

1) Cabeça do deus Mutinus Titinus, barbado e cingindo um diadema adornado de pontas de asa. R/ Q. TITI. (*Quintus Titius*). Pégaso voando.

219) Q. TITIUS — Denário — 2 exp. 90 a. C.

2) Cabeça de Bacchus, coroado com pâmpanos. R/ Q. TITI. (*Quintus Titius*). Pégaso a voar.

## TITURIA

- 232) L. TITURIUS L. f. SABINUS — 2 exp. 89 a. C.  
 2) SABIN. (*Sabinus*). Cabeça nua e barbuda do rei Sabino Tatiús; adiante, uma palma. R/ L. TITURI. (*Lucius Titurius*). Dois guerreiros romanos elevam dois Sabinos.  
 4) SABIN. (*Sabinus*). Cabeça nua e barbuda do rei Sabino Tatiús; diante, uma palma. R/ L. TITURI. (*Lucius Titurius*). Tarpeia, os cabelos esparsos, levanta os braços ao céu e a metade oculta sob um montão de escudos, entre dois guerreiros que combatem e que ela tenta separar; no campo, uma estrela dentro do crescente lunar.  
 5) SABIN. A. PU. (*Sabinus. Argento público*). Cabeça nua e barbuda do rei Sabino Tatiús; na frente, uma palma. R/ (idêntico a 4).  
 6) SABIN. (*Sabinus*). Cabeça nua e barbuda do rei Sabino Tatiús. R/ L. TITURI. (*Lucius Titurius*). A Victoria segura uma coroa e de pé numa biga a galope; no exergo, uma marca: espiga — raio.

## TULLIA

- 125) M. TULLIUS — Denário — 1 exp. 135 a. C.  
 1) ROMA. Cabeça da deusa Roma, com o capacete alado e sobrepujado por uma cabeça de águia. R/ M. TULLI. (*Marcus Tullius*). Victoria; segura, uma palma, de pé numa quadriga galopante, por cima uma coroa; sob a quadriga a marca de valor X.

## VALERIA

- 177) L. VALERIUS FLACUS — Denário — 1 exp. 104 a. C.  
 11) Busto alado da Victoria; à frente, X. R/ L. VALERI. FLACCI. (*Lucii Valerii Flacci*). Marte nu, encasquetado, voltado para a esquerda, ostenta um trofeu e uma lança; no campo uma espiga de trigo, à esquerda um *apex* ou barrete de flâmíne.

## VIBIA

- 220) C. VIBIUS C. f. PANSA — 1 exp. 90 a. C.  
 1) PANSA. Cabeça laureada de Apolo; à frente, um símbolo — cajado? R/ C. VIBIUS C. F. (*Caius Vibius Caii filius*). Palas, segura na mão direita um cetro e na mão esquerda um trofeu, de pé numa quadriga a galope.  
 2) PANSA. Cabeça laureada de Apolo, com grandes fivelas nos cabelos; a diante um símbolo variável. R/ C. VIBIUS. C. F. Palas, segura na mão direita um cetro e na sinistra um trofeu, de pé numa quadriga a galope.

## VOLTEIA

- 239) M. VOLTEIUS M. f. — 1 exp. 88 a. C.  
 1) Cabeça de Júpiter. R/ M. VOLTEI. M. F. (*Marcus Volteius, Marci filius*). Templo de Júpiter Capitolino, com um pórtico de quatro colunas dóricas e com três portas e um raio alado sobre o frontão.

Foram estes os denários consulares (217 a 64 a. C.) que pudemos estudar entre aqueles que apareceram dentro dos vasos descritos em seguida.

## OS VASOS DE PRATA

É consabido que as várias betas argentíferas da *Hispania* produziram enormes quantidades de metal que se exportava para a Metrópole e além de ser utilizado no fábriço da moeda servia para o fabrico de objectos de luxo, quer fossem valiosas vasilhas, quer esplêndidas jóias, as quais eram muito apreciadas pelos romanos. A ourivesaria hispano romana abraça dois grupos diferentes: o primeiro é a continuação da tradição ibérica, assimilando progressivamente os gostos e as técnicas romanas até chegar ao fabrico de exemplares que com grande dificuldade sabemos distinguir se importados de Roma, se lavrados na *Hispania*. O segundo é constituído por todas aquelas peças que podemos positivamente considerar como importadas e que puderam servir de modelo para as diversas réplicas indígenas (1).

O primeiro grupo aparece principalmente nos achados denominados *tesouros*, constituídos por objectos díspares. Alguns são indiscutivelmente indígenas, outros fabricados na nossa região por artistas inspirados e educados, cada vez mais intensamente, nos gostos e processos romanos.

É evidente que nem toda a ourivesaria romana que tem sido encontrada no nosso rincão, foi importada e podemos assegurar a existência de artífices peninsulares baseados em diversos testemunhos, sem faltar o epigráfico — lápide valenciana dedicada a um Júlio Apolastro, fabricante de vasos de prata.

Geralmente podemos estabelecer que a técnica própria e característica das peças de ourivesaria romana é o emprego de duas paredes para a execução de cada superfície decorada, uma formando o *emblema* e outra o suporte. No *emblema* repuxavam-se ou gravavam-se os elementos ornamentais cujo reverso era tapado pelo suporte. Como ficava um espaço oco e para evitar as deformações, enchia-se tudo com massa, o que explica o pouco peso destas vasilhas.

Não é tarefa fácil proceder ao estudo dos vasos argênteos do Lugar

---

(1) PEDRO M. DE ARTIÑANO Y JOSE FERRANDIS. *Artes industriales Hispano Romanas*, História de España. II pág. 755.

do Poio, uma vez que a bibliografia sobre as nossas baixelas pré-romanas é escassa, para não dizer inexistente (1).

Temos de nos socorrer da bibliografia que estuda os tesouros com vasilhas de prata da Andaluzia ou da região Lenantina e pertinentes à cultura e arte peculiares da Betúria, que deve ter florescido séculos antes de Cristo nos arredores do Cerro de las Cuatro Villas, o Ἀργυροῦνορος de ESTRABÃO, chamado por Avieno *Mons argentarius*, depois irradiante por toda a fértil veiga do Guadalquivir, a via da prata dos tartéssios, fenícios e gregos.

Devemos assinalar a grande analogia artística entre todas estas peças.

Alguns destes tesouros seriam as reservas duma oficina de prateiro numa época de lutas, de intranquilidade e saque.

As analogias que se observam em todos achados fazem pensar na existência duma indústria florescente de lavrantes de prata, com um grande intercâmbio gremial dos seus artistas da época pré-romana, mas na época do seu ocultamento já

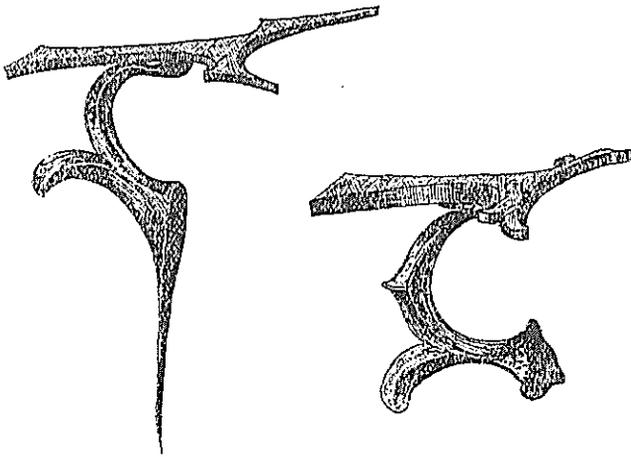


Fig. 1 — Asas de prata cinzelada existentes nos vasos n.ºs 3 (da esquerda) e 5 (à direita). Red. 2/3. São comparáveis às dos vasos de *Bosco Reate*.

(1) Para o estudo destes achados deve consultar-se: W. L. HILDBURG, *Tesoro del Marrubial, Córdoba*, *Archaeologia*, LXXXII, págs. 171-184; FIDEL FITA, E. ROMERO TORRES, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, vol. LXVI, págs. 574, 1915; *El Tesoro de Casio Cauci*; SANDARS, *El Tesoro de Mogon*, Bol. R. Ac. Historia LXXXV, pág. 123 e MELIDA, *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional*; MELIDA, *El Tesoro de Santisteban del Puerto*, Adq. del M. Arq. Nac. en 1917, JULIAN SAN VALERO APARISI, *El Tesoro Preimperial de Plata de Drieves (Guadalajara)* Madrid, 1945; JUAN CABRÉ AGUILÓ, *El tesoro de ofebreria de Santiago de la Espada (Jean)*, Arch. Esp. de Arq. 1943; FRANCISCO ALVAREZ OSSORIO, *El tesoro ibérico, de plata, procedente de la Torre de Juan Abad (Ciudad Real)*, Arch. Esp. de Arq. 1945; MANUEL HELENO, *Jóias pré-romanas*, Ethnos, 1935.

os objectos eram antiquados perante as novas e elegantes formas romanas.

Nos nossos vasos do Poio, encontramos galbas romanas; porém o vaso de perfil campaniforme e a escudela, mostram-nos como ainda se mantinham formas anteriores e locais.

Podemos comparar os dois vasos cilíndricos e de fundo esférico, com dois outros descobertos em *los Almadenes*, Pozoblanco e que hoje se encontram no Museu Arqueológico de Córdoba, sob os números: (5.219) — 0<sup>m</sup>,12 de diâmetro e 0,075 de altura e o outro (5.221) — 0,085 de diâmetro e 0,045 de altura (tendo os pesos de 0,185 e 0,095 kg. respectivamente) (1).

São construídos pela técnica de repuxado, martelando uma placa discóide de prata, até se obter o perfil de fundo hemisférico que os caracteriza tendo o fundo por vezes um repuxado anelar a que se soldou um aro para servir de pé (Fig. 3 e 5).

Em muito pior estado que os vasos anteriormente considerados apareceu um outro cuja forma recorda os vasos tulipóides ou campaniformes (n.º 5.220 — Lam. XXVI, 3). Pesa cerca de 200 grs. e o seu diâmetro aproximado é de 0,160 × 0,110 de altura, carecendo em absoluto de decoração e unicamente junto ao bordo apresenta uma estria feita por martelamento, paralela e em redor da boca (Fig. 4).

No território português podemos comparar, o perfil deste vaso

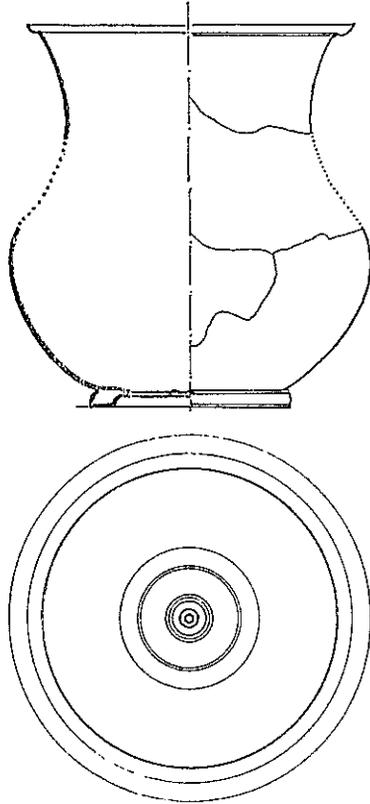


Fig. 4 — Urna campaniforme da época de La Tène. Red. 1/2.

(1) SAMÚEL DE LOS SANTOS GENER — *Tesoro Hispánico anteromano de los Almadenes de Pozoblanco*, Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales. 1941, pág. 69 ss. L. XXV e anteriormente publicado no *Boletín de la Real Academia de Ciencias, Bellas Letras y Nobles Artes de Córdoba*, n.º 21, 1928.

com o que foi encontrado em Setembro de 1934, junto a uma lúnula de ouro, três outras de prata e um *torques* funicular do mesmo metal (1).

Segundo a descrição dada teria este vaso de Pragança o seu bojo esférico, e o colo estrangulado (2). Como nos faltam quaisquer outros informes, quanto ao seu peso e medidas, não o podemos aproveitar senão como elemento formal, como tendo também um perfil campaniforme peculiar às vasilhas originárias da região do Betis.

Quanto à cronologia proposta, parece ser um pouco remota demais. Os informes que temos de outros locais, e o aparecimento de torques, como bem lembra MANUEL HELENO, devem indicar-nos uma cronologia dentro da Idade de Ferro, embora certos motivos decorativos das lúnulas nos pudessem levar a épocas mais remotas. Temos porém o *torques* da Cortinha (Tua) que pode ser datado da época de Tibério. Não podemos deixar de considerar a persistência a dentro das nossas culturas, de certo conservadorismo, na manutenção de determinados perfis e motivos ornamentais.

No *tesoro de plata de Salvacañete*, hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid (3), existem quatro vasos de prata de perfil campaniforme que podemos aproximar do similar vaso do tesouro de Poio (Fig. 4).

Alto . . . . .	115 m/m	95 m/m	83 m/m	88 m/m
Boca . . . . .	140 m/m	115 m/m	70 m/m	88 m/m
Peso . . . . .	185 grs.	115 grs.	105 grs.	83 grs.

Descreveremos museològicamente o vaso do Poio como:

«Vaso de prata, campaniforme, liso e sem qualquer verdugo na separação do bojo ou na escócia do colo. O bordo interno da boca é decorado com uma escócia; altura 0,101; diâmetro da boca 0,088. A base do bojo é ressaltada e decorada por dois filetes paralelos.»

Em primeiro lugar o vaso de prata da fig. 4 apresenta-nos francamente um estilo *La Tène*. A sua galba é análoga à de muitos outros de barro cozido que encontramos nos nossos povoados castrejos ou em numerosas urnas funerárias dos arredores de Elvas.

(1) MANUEL HELENO, *Jóias Pré-Romanas*, Ethnos, I, 239. Lisboa, 1935.

(2) Vid. aut. cit. Est. V, fig. 24.

(3) JUAN CABRÉ, *Adquisiones*, etc., 1940-1945, pág. 59, *Archivo Esp. de Arte e Arqueologia*, 1936.

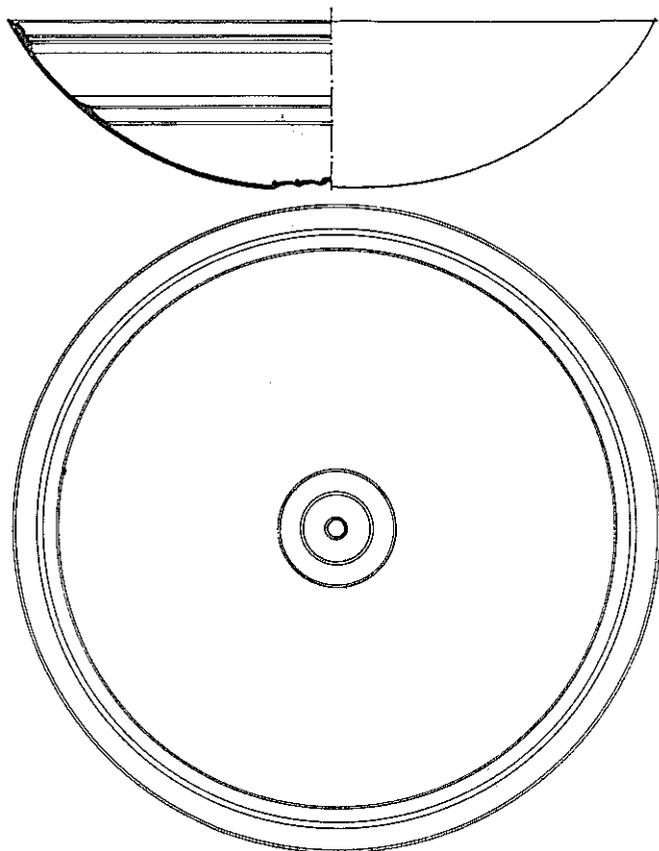


Fig. 2—Patena argêntea, ou *acratophorum* (?), sem pé. Red. 1/2.

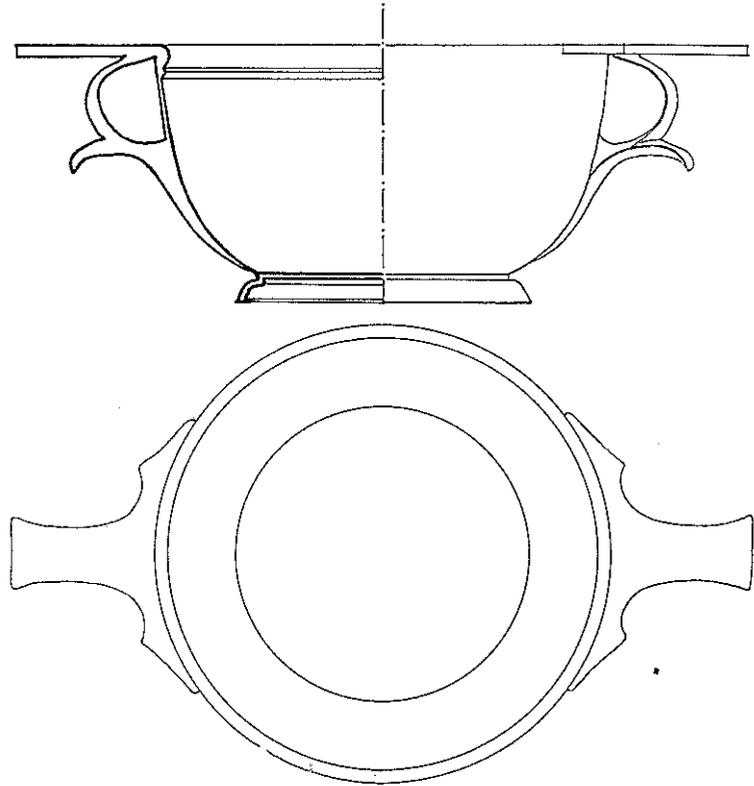


Fig. 3—Urna cilíndrica, com o fundo hemisférico e aro ou pé basal. Red. 1/2.

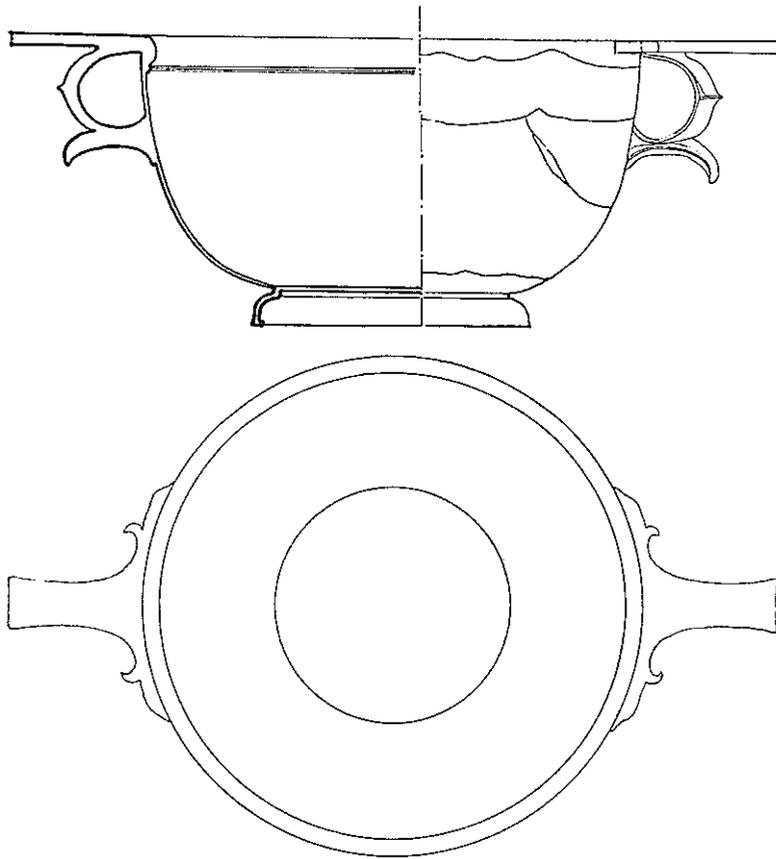


Fig. 5 — Urna cilíndrica e fundo hemisférico. Como a anterior é semelhante a outros vasos do Tesouro de Bosco Reale. Red. 1/2.



Muitas destas urnas, de barro cinzento, pardo ou negro, apresentam a singularidade de parecerem originárias de um protótipo metálico. Bastam estes antecedentes para deixar de insistir no estilo céltico deste vaso.

Entre os outros vasos um deles apresenta-se-nos com a forma duma calote esférica com 0,173 mts. de diâmetro por 0,045 de altura e é decorada interiormente com várias mulduras corridas normalmente ao eixo (Fig. 2).

O seu perfil aproxima-se do prato de tipo I do Tesouro de Abenjibre (Albacete) e da pátera do Tesouro de Santiago da Espada (Jaen) (1). Pertence ao tipo de *patena* ou *acratophorum* (?) resultante das vasilhas cónicas, de tipo *futile*, sem pé e quando cheias tinham de ser seguras nas mãos.

A técnica para construí-la deve ter sido o do repuxado por martelamento, batendo numa placa circular de prata e adelgçando a sua superfície só por um lado, excepto no bordo, de forma a conseguir-se uma forma aproximada a um cone.

Se pelos caracteres estilísticos e cronológicos classificamos independentemente cada uma das peças de prata que integram o tesouro do Poio, obteremos a evidência que parte delas pertence à cultura céltica posthallstática do interior da Península, mas as outras duas são nitidamente romanas, de forma mediterrânica (Figs. 3 e 5). A sua galba e a forma das asas pode ser comparada às do tesouro de *Bosco Reale*, do séc. I. J. C., exposto no Louvre (Figs. 1, 3, 5).

Ainda que geralmente nos tesouros de prata e ouro, da segunda Idade de Ferro, descobertos na Península Ibérica, figurem peças que pertencem aos começos, devem, no entanto, situar-se nos fins da mesma, porque podem, por vezes, considerar-se como esconderijos de ourives de prata transumantes dos primeiros séculos anteriores a Cristo, e que reservavam tais peças para trabalhos da sua profissão, e que, apesar do seu interesse artístico, as utilizavam quando não tinham matéria prima.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular,  
Universidade do Porto, Agosto de 1952.

(1) CABRÉ AGUILÓ, «*El Tesoro Iberico de platos argenteos de Abenjibre* (Albacete), Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional, 62, Madrid, 1947; idem, *El Tesoro de orfebreria de Santiago de la Espada* (Jean). Arch. Esp. de Arqueologia, n.º 53, pág. 343 ss., Madrid, 1943.

